



**NUNCA
VOU TE PERDOAR
POR VOCÊ
TER ME OBRIGADO
A TE ESQUECER**

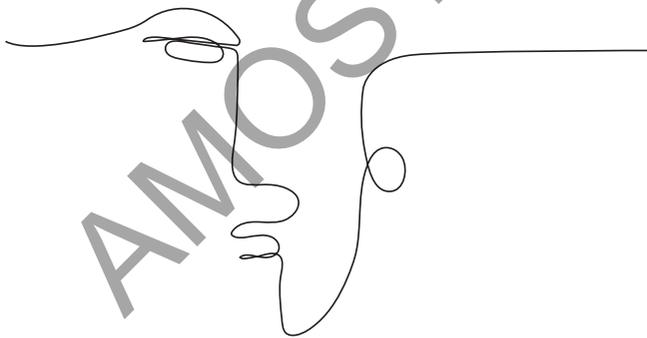


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

Sumário

O equilibrismo da atriz e a ausência do escritor	1
A urgência da histérica e a fuga do obsessivo	39
<i>Desmemórias</i>	71

O equilíbrio da atriz
e a ausência do escritor



AMOSTRA

“Jacques, você vai ter que ser isolado.”



Aqui, a história das reminiscências do amor de um escritor por uma atriz. Restos, destroços, fragmentos de memórias, momentos, instantes... escombros do arrebatamento entre Jacques e M.

Não, Jacques. Nada disso. Não invente uma realidade para se vingar da ficção. Aqui, apenas a sua versão da história. Uma visão adulterada pelo seu orgulho mortificado. Narcisismo ferido. Você não suportou a rejeição, a separação, o esquecimento dos amantes.

Eu não queria, M. Não queria mais ter que escrever sobre meus sentimentos – expor minha carne, minha alma, minha fragilidade. Não pretendia, M, mas foi a única forma que encontrei para me livrar de você. Sublimar e superar a dor.



Mentira, Jacques. O escritor tem prazer em expor intimidades, violar privacidades. Você, escritor, goza ao transfigurar histórias. Ao transbordar, inundar e ferir personagens indefesos.

A minha memória é involuntária, M. Ela resulta de acasos e surpresas. Epifanias. Estilhaços de você – que ainda tento resguardar – eclodem, apesar de escaparem furtivamente por entre as lacunas da deslembração. O que resta são farrapos de registros e retalhos. Escrevo porque essa história não poderia desaparecer com o afastamento. Preciso reter o que persiste, estancar o tempo, emoldurar as sombras que ainda perduram em pontos, riscos e marcas. É necessário escolher o que deve desmoronar a fim de preservar aquilo que desejamos que volte e que sobreviva.

Não desejo que nada volte, Jacques. Você não entende? Terminei com você. Compus um réquiem, teci um epílogo. Está acabado. O que perdura é o que ainda não se apagou com o tempo. Eu não sorri quando me lembro de você, Jacques. Não tenho nostalgia, vontade, desejo. Não me dói saudade nenhuma.

Eu me lembro de quando nos conhecemos, M. Você me mandou uma mensagem por Facebook e eu não tinha a menor ideia de quem seria. Sua foto, um tanto desbotada e apagada (já seria a sua imagem desvanecendo, e a minha lembrança se eclipsando?), mirava o infinito. Carregava um sorriso que me fulminou.



Eu fantasiava o escritor que acabava de lançar um livro e revelava faltas e falhas. Você me parecia confiante, estava sempre sorridente nas entrevistas. Eu te fabulei, Jacques. E, até quando essa mentira durou, te desejei.

Tudo é falso, M. A mente, adulterada pelos sentimentos, é rica em erros, distorções, associações inexistentes, fluxos impossíveis. Será que seleciono lembranças para não esquecer-las, ou para moldá-las ao meu bel-prazer? Busco perdão, redenção ou autoindulgência? Não sei; a percepção e a compreensão, durante o ato da escrita, acinzentam o resgate à memória.

As nossas experiências, M, me deixaram um traço, um epitáfio, uma pista que transcende. Tudo é modificado-mortificado. O “real” permanece apenas como inscrição enevoada. Proust escreveu: “é preciso que a relva cresça e que as crianças morram”. A lei cruel da arte – da nossa arte, M – é que o tempo passa e que todos morremos esgotando os sofrimentos para que então, viceje a relva, não do esquecimento, mas da arte. Essa relva espessa e espinhenta das obras fecundas sobre as quais as gerações de sua filha e de suas netas virão a compor o seu “almoço sobre a relva”.

Nem Proust você conseguiu superar, Jacques. Cita um livro sobre a memória enquanto aqui buscamos o esquecimento. A minha história de amor é outra e será reescrita por outros. Algumas breves e fugazes lembranças suas, que ainda restam, serão substituídas por



novas, mais vívidas e simbólicas. Não falo mais de você, não menciono o seu nome, seus livros foram vendidos para o sebo – e não apaguei as dedicatórias, Jacques. Alguém as lerá e nunca saberá o que se passou conosco. Palavras perdidas no tempo, na relva, na ossada. Em mim, Jacques, nada permanecerá, ainda que fique entalhado neste infeliz livro.

Respondi àquela sua primeira mensagem, M, no ápice da minha vaidade. Tinha ganhado um prêmio, estava iluminado por holofotes e desejos. Os sonhos estavam se tornando verdade – e as expectativas prontas para desabar. No auge da minha soberba, fui blasé. Encenava um papel que não era meu. Criava uma história que jamais conseguiria narrar. Ficcionalizava um personagem insustentável. Foi por esse intérprete que você se apaixonou, M. E por muito tempo sustentei tal papel.

Desconfio de suas declarações e de sua atitude, Jacques. Sempre. Você nunca entendeu o meu primeiro convite para compartilhar um sorriso. Ou, se o entendeu, representou o performer ingênuo. Hoje, com o passar dos anos, e com as palavras que você me arranca sem licença, confesso que aquilo me chamou a atenção. Se todos se derretiam pela imagem enfeitiçada e pelo canto homérico da atriz-sereia, Cênis-Ceneu, você aparentava estar com os ouvidos oclusos e com os olhos vendados. Estratégia? Enigma? Abismo?

Mas o que você nunca soube, Jacques, é que se o escritor bufava altivez e autoestima, a atriz estava em



frangalhos. Foi uma fase difícil – poucos trabalhos, abalos amorosos, problemas financeiros. Discriminação. Preciso do público, do aplauso, da arte e da paixão sempre pulsante e presente – à flor intensa da pele. Necessito sentir a arte espinhando meu ser, perturbando meu sono, afligindo meu respirar e desconcertando meus sonhos. Sem ela perene – sem a vida como um eterno palco – a realidade é insuportável. Buscava em você, Jacques, o espectador faltante.

M, você é musa real e inventada. Atriz, cor de fogo, sorriso travesso, olhar arguto, cantos e contos de sereia. Você é aquela que faz da arte uma encenação encantada da vida. Personifica a diva mitológica no palco, na televisão, no cinema e na cama. Fruto proibido do desejo recalcado.

Jacques, você conviveu comigo por anos e ainda não compreendeu que a atriz é um símbolo idealizado? Que não sou, e ninguém é, aquilo que aparenta? Que as pessoas são inacessíveis? Que o amor, a paixão e o desejo não passam de narcisismo? Finjo, finjo bem, finjo tão bem que você insiste em me resgatar com a “vultuosidade dos meus cabelos ruivos que incineram e inflamam a cobiça pelo corpo e pela minha seiva, mas que ao dormir, presos e atados, te rejeitam e te repulsam com o fim do amor”? Você escreveu isso pensando em mim, Jacques, ou é mais um de seus degenerados engendramentos? Estas são as minhas palavras, os meus pensamentos, as minhas respostas, ou é o maldito escritor criando nas letras o que não foi capaz de assumir em vida?



Quem sou eu, M? Sou quem escreve ou quem viveu a rejeição? Será que o artista-escriptor deve corresponder, na vida, à moral de suas personagens? O que pensar da intromissão da realidade na ficção? E, mais importante, como aceitar a intromissão da ficção na realidade? “Estes trêmulos revestimentos de arco-íris que irradiavam as paredes do meu quarto e os banhavam com uma luz de história tão antiga e tão poética (porque) me transportavam ao mesmo tempo às infelicidades imaginárias e ao passado mais profundo.”

O lânguido escritor tem que escrever e citar frases – falsas – de impacto, Jacques? Sempre medroso e covarde, questionando de forma enfadonha se há alguma verdade (ou mentira) no ato de ficcionalizar? Chega de se (e me) enclausurar nas asas da ficção. Se liberte, Jacques, e me liberte desse enredamento de palavras.

Sempre me recordo do nosso primeiro encontro, M. Você me esperava no aeroporto. Estava tensa, sorriso nervoso, olhar fugidio – parecia arrependida e temerosa. Mas a atriz irrompeu e atuou: roupas exóticas – ao menos aos meus olhos pouco criativos para as suas luzes e sabores –; perfume exalando prazeres, volúpia e perigos; pele translúcida: alabastro que refletia vaidade e escondia a alma. Qual era a sua fantasia? Seu desejo? Sua vontade? Você é um contínuo, M, evento que ainda subsiste. Lembrar é de alguma forma reviver. Recriar. Resgatar. “Comigo, as coisas não têm hoje e anteontem amanhã: é sempre.”



Jacques, eu me preparei para aquele encontro. Pensei nas roupas, flertei perfumes, tramei palavras. Cortejei ser cortejada. Ensaiei sorrisos, trejeitos e gestos – articulei desregrados descuidos. Desejosa, desejei.

E você me surge desleixado e relapso! Uma esfinge? Um mistério que eu teria que desvendar?

Você não me olhava, Jacques. Medo do meu segredo? Você não me enxergava no início. Fugia. Seu ego era maior que o meu? Ou o romance – assim como os livros – seria apenas sobre você?

Você é minha personagem, M. Musa e parceira. Você invade o segredo íntimo do escritor-confessor. Invasão sádica, imaginada e amaldiçoada, que contempla a minha confissão. Testemunho e revelação que disponibilizam o acesso atemporal da memória. É no branco do esquecimento que a imagem do espírito repousa e se afasta. Embalada pela nau da narrativa, você ressurgue, M, estranha, ausente. Mas eu “não devia de estar lembrando isso, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala?”

Jacques, volte aqui. Eu não sou literatura. Eu não sou Diadorim – não adultere os nomes nem as histórias. Não me confunda; Reinaldo-Diadorim só existiu na voz de seu narrador. E ele, Riobaldo, amou intensamente o guerreiro-donzela, mesmo se escondendo. Já você, Jacques...



Eu existi – existo, sou real –, embora o que esteja fazendo comigo seja uma transgressão. A única verdade aqui é que você se aproxima de Riobaldo em sua tolice, covardia e mesquinhez. Assim como você, ele não suportou e nem sustentou o seu amor pelo verdadeiro Diadorim – porém a narrativa engana o passado.

Fomos ao cinema no nosso primeiro encontro. O filme era israelense. Horrível. Um prólogo ruim para a nossa encenação. Não parava de pensar se você iria receber meu beijo, carinho, amor de escritor. Se eu teria coragem... Infelizmente, aquelas horas passaram, como atravessaram os anos, agora repleto de cicatrizes. Porém, no ato da escrita, algo – um afã? – retorna.

Você ainda aceitaria aquele meu beijo, M? Os carinhos desastrados? Será possível retomar, reviver, recriar outros momentos juntos? Sei que a hora perdida do filme, da performance, do enredo – e dos sentimentos – se extinguíram, mas seguem palpitando. “Uma hora não é apenas uma hora, é um vaso repleto de perfumes, de sons, de projetos e de climas. O que chamamos de realidade é determinada relação entre sensações e lembranças a nos envolverem simultaneamente. Relação única que o escritor precisa encontrar a fim de unir-lhe para sempre em sua frase os dois termos presentes.” Inflamo esses momentos proustianos, M.

Não foi nada disso, Jacques. Não dramatize em excesso. Você se excede em tecidos e sentimentalidades.



Acho que você estava pouco interessado e com medo de mim, mas se vale da ficção para engrandecer – enobrecer? – sua arte e diminuir a minha. O filme era bom; seu beijo temeroso nem tanto. Era o primeiro dos encontros-desencontros, Jacques, não percebeu? E como nossos beijos não se fundiam, tratei de me esforçar para que a nossa peça se tornasse arte. “Obra de arte” não exige, afinal, um intenso trabalho? Assim como fiz papéis horríveis e não desisti, insisti na gente. Você era a vidarte que não podia recusar.

Eu fui aprendendo a gostar de você, M. O problema é que o aprender já é o próprio viver. Um viver como um rascunho-rasura mal-acabado, bem distante do que é a literatura. A vida é um manuscrito, M? A vida na hora, sendo e se sucedendo, como escreveu Wislawa Szymborska: “Se eu pudesse ao menos praticar uma quarta-feira antes / ou ao menos repetir uma quinta-feira outra vez! / Mas já se avizinha a sexta com o roteiro que não conheço”.

O livro-arte é sempre uma repetição da repetição de um processo exaustivo de desdizeres de recalques e contestações falhas. Já o manuscrito, M, é gênese, ato-instante. E, assim como a vida, repousa na arte da decifração. Habita o reino inapreensível do momento. Será que aqui busco o rascunho ou a escritura? Um alfarrábio ou uma bíblia?

Enquanto você dizia se empenhar em me amar, Jacques, eu aprendia a desaprender. Você era um nevoeiro;



seu desejo era uma esfinge. Suas palavras não se manifestavam em meu corpo; suas letras não se inscreviam. Sim, Jacques, a vida é um manuscrito – e é por isso que a arte do teatro e da performance é mais rica do que a literatura. Toda encenação se esvai. Desaparece, escorre e dissipa – uma perpétua mise-en-scène. Pulsa. Pulsional. Tem a duração de música, de canto, de voo. Da finitude e da potência de um orgasmo. Tem o componente principal da vida: o imponderável. O inusitado – mesmo com ensaio e dedicação – pode e vai acontecer. E é muito bem-vindo.

A literatura é falsa. Ofício de ourives, dedicação de Sísifo, falácia da eternidade.

Eu escrevo, M. Escrevo sobre nós para remodelar um mundo. Cada passagem, M, cada imprevisto foi único. Todo resquício se torna uma totalidade – e toda totalidade desempenha o papel ínfimo e infinito dessas partes. O escritor é um charlatão autocentrado e, assim como entoa Rimbaud, recria o futuro – consequência temporal do que nunca existiu: “o Poeta se faz vidente através de um longo, imenso e refletido desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele procura nele mesmo, ele esgota nele todos os venenos, para só guardar as quintessências”.

Você devia ter atravessado e suportado o seu desejo, Jacques. E não apenas me acompanhado, ausente, para que um dia eu me tornasse literatura – esse espelho canônico. A vida é mais preciosa do que as palavras. O viver (perigoso) é mais nobre do que o escrever, Jacques.



Você também é culpada, M. Queria apenas me seduzir. Clichê? Será que a atriz, ao colocar um fim, não almejava apenas ser eternizada na literatura? A rejeição, afinal, era o seu ego se excedendo, M.

Nossa história foi uma batalha de egos, Jacques. De egos e expectativas. Eu cortejava as tragédias encenadas – você, as escritas. Eu me jogava, chorava e me acabava – você se retraía e se amarrava em silêncios. Eu te atacava – você se retirava. Eu te ofertava meu corpo, minha alma – você se escondia e se acobertava nos livros. Você sofre depois. Depois do fim, depois do tempo e da memória. Não tem mais sentido, não tem mais volta, não há esperança. Eu sofri, sofri muito, Jacques, mas já te esqueci.

Rodin. Klimt. Di Cavalcanti. Toulouse-Lautrec. Magritte. Picasso. Brancusi. Chagall. Bouguereau. Cezanne. Renoir. Munch. O nosso beijo, M.

Ao sairmos do cinema, eu já tinha quase desistido. Achava que não estava interessada, mas aconteceu... e foi bom. Sentamos no café e me convenci de que precisava tentar. O escritor iria se trair por executar o que vislumbrava somente em sonhos. Quando senti a sua película úmida, experimentei o estarecimento. Aquilo viraria paixão, se transformaria em amor e me apunhalaria como doença.

Curiosidade, Jacques. Precisava desnudar o escritor. Queria ludibriar o ficcionista com as artes da atriz. Convencê-lo da minha destreza. Atuei. Não sei se foi bom ou ruim – do beijo, não me lembro; do sabor, me esqueci; o perfume, encoberto.